

O VELHO CHICO E AS TEIAS DO SENTIDO

Tâmara Rossene Andrade Bomfim ¹

Resumo: As cidades ribeirinhas do São Francisco inicialmente tinham a sua dinâmica em torno do rio, que ditava seu ritmo e as trocas comerciais. Ibotirama nasce nesse contexto. No entanto, o crescimento das cidades e as novas formas de produção modificaram os modos de vida e os sentidos atribuídos ao rio. Esses questionamentos constituem a base desse estudo, que é parte da Dissertação “Os sujeitos do reisado de Ibotirama – Da invisibilidade a resistência da cultura popular”. Desvelar os sentidos que se construíram em torno do Velho Chico e que se modificaram é essencial para a pesquisa que vem sendo realizada, visto que, a cultura popular, objeto de pesquisa, não pode ser dissociada da trama social. A base teórica se constrói a partir dos estudos de Stuart Hall, George Yúdice, Nestor Garcia Canclini, Clifford Geertz.

Palavras-chave: Velho Chico. Ibotirama. Sentidos. Cultura Popular.

¹Mestranda em Crítica Cultural (Póscritica/UNEB). E-mail: tamarabomfim@hotmail.com.

No Princípio tudo era rio

O município de Ibotirama, situado na margem direita do rio São Francisco, tem em sua constituição, a relação direta com o rio. Foi formado a partir da aglomeração de boiadeiros e tropeiros, que aguardavam a travessia das águas do Velho Chico. A espera dos viajantes pelas embarcações, a fome, a sede e o cansaço, trouxeram a oportunidade. No cais do porto e nas proximidades deste, o fervilhar de pessoas, o ir e vir, foram aos poucos sendo transformados em uma grande feira. Esse nascimento é o mesmo relatado por outras cidades ribeirinhas situadas nas margens do São Francisco. Grande parte delas é oriunda de pequenas vilas, que se formaram através da dinâmica ditada pelas trocas comerciais e pelo transporte de cargas e de passageiros, nos tempos áureos da navegação a vapor, que se iniciou em fins do século XIX e se estendeu até a década de setenta. Mais do que matar a sede, o rio significava a própria vida das comunidades, ditando costumes e ofícios, permeando trocas, construindo saberes, estabelecendo relações, nos portos e embarcações que singravam suas águas.

O rio São Francisco esteve durante muito tempo para a população dos seus limites geográficos, como elemento aglutinador, reunindo em torno de si as diferentes camadas sociais e influenciando os seus estilos de vida. Às suas margens se configuravam relações de poder, na figura dos coronéis, dos escravos, da hierarquia desvelada nos postos de trabalho nas embarcações. Essa dinâmica foi responsável por uma diversidade cultural, que se revela nos Ternos de Reis, nas Chulas, nos Sambas de Roda, na Alimentação das Almas, nos tambores dos Candomblés, nas cantigas, nas lendas, nas rezas, nos ritos e no grande número de manifestações tradicionais, que ainda estão presentes no cotidiano das comunidades. De igual forma, em ofícios que surgiram motivados pela intensificação das atividades da navegação e que ainda subsistem, a exemplo dos carranqueiros, barqueiros, artesãos e dos produtores de fumo de rolo.

Com as mudanças nos modos de produção e nas relações sociais, essa forma de se relacionar com o rio também sofreu modificações. Esse trabalho é parte da construção do texto de dissertação do Mestrado em Crítica Cultural, cujo título é “Os sujeitos do reisado de Ibotirama – Da invisibilidade a resistência da cultura popular”. Com a escrita desse artigo, busco analisar os novos sentidos criados a partir das mudanças ocorridas. O rio deixou de ser o cerne das cidades e as aglomerações a sua

volta passaram a existir com novas conotações. Os municípios ganharam outros contornos, outras formas de sobrevivência. Desvendar esses sentidos é de grande relevância para a pesquisa que vem sendo desenvolvida. Muito se questiona sobre a sobrevivência da cultura popular na cidade em questão. Muitos discursos chegam a negá-la. Mas a cultura popular não poderia fugir as novas tramas desenvolvidas, as relações ressignificadas no tecido social. O que nos remete a idéia de Janelas em Movimento, quando PEREIRA (2002), diz que:

Por isso, a idéia das janelas em movimento – ou seja, das inter-relações que pressupõem preservação e transformação – é, paradoxalmente, uma caixa de segredos aberta. Podemos saber algo sobre as construções das identidades dos grupos através da observação de casos anteriores, mas, no calor da hora em que as inter-relações estão se processando surgem configurações que desafiam as práticas de análises estabelecidas. De resto, fica-nos a perspectiva de que para compreender as inter-relações entre tradição e modernidade é válido o princípio de que a única constância está na mudança.

(PEREIRA, 2002, pág. 22)

Esse conceito de janelas em movimento me parece bastante propício à cena ribeirinha. No princípio tudo era rio. E o rio era a fonte de alimento, nos peixes pescados, nas mercadorias trazidas nas embarcações, na sobrevivência a custo dos trabalhos gerados a sua volta. Mas as cidades cresceram e modificaram a sua lógica. O afastamento do rio e o despertar para outras necessidades. Janelas abertas para novas paisagens, na dinâmica dos sistemas sociais, que não cessa.

O afastamento do rio e a construção de novos sentidos

Até o final da década de setenta, ainda era possível observar no cais de Ibotirama, o tráfego das embarcações, conhecidas como vapores e de outras embarcações menores. Com o passar dos anos, as alterações ocorridas nas políticas públicas em relação ao transporte fluvial, a construção das rodovias e as mudanças nos modos de produção, retiraram do rio a sua condição de maior veículo das transações comerciais. As cidades reorganizaram o seu meio espacial e social. A produção cultural também sofreu mudanças, como reflexo dessas modificações. No entanto, muito ainda do que é veiculado sobre as cidades ribeirinhas nos remete a idealizá-las como se estivessem no passado. No imaginário coletivo, as cidades se debruçam sobre o rio. Há a falsa impressão de que grande parte das suas economias é oriunda da pesca. Quando

pergunto a pessoas que estão distantes desse cotidiano, como imaginam essas localidades, muitas retratam a figura do pescador em seu barco, lançando suas redes ou falam da paisagem contemplativa, silenciosa, em comunidades distantes, isoladas da urbanização e que pouco progrediram. E quando prossigo perguntando como imaginam as pessoas que habitam esses lugares, a ilustração que me descrevem é parecida com a do sertanejo retratada em alguns livros. Algumas hipóteses podem ser levantadas para justificar essas descrições. A condição de vulnerabilidade que sempre marcou essa região e os documentos e relatos que a descreveram ao longo dos anos, a exemplo do que Teodoro Sampaio descreveu em seu diário de viagem, no início do século XX:

No *Sítio do Mato*, um povoado pobre, com umas cem casas mal construídas sobre uma barranca alta de cerca de oito metros, não foi sem dificuldade que logramos obter dos moradores a lenha precisa. Gente preguiçosa, vivendo sem trabalho, não se tomava de estímulo para ganhar, respondia displicente aos que lhe falavam de aproveitar preço e ocasião: “A lenha fica muito longe...”, dizia essa gente desanimada, “e tirar lenha é serviço muito duro que não paga a pena...”, não valia o sacrifício dos seus cômodos quando bem à mão estava o peixe que não faltava e dava muito para viver sem maçadas... Demais, ajuntava o bando dos preguiçosos, não tinham ferramentas nem quem os ajudasse no transporte para a beira do rio... careciam de algum dinheiro adiantado para a comida... Um deles alegava a sua *maleita*, que não deixava de vir todas as tardes, outro tinha a mulher doente, este precisava ir avisar primeiro um amigo, aquele outro por não estar acostumado a tais misteres. Só a muito custo o bando seguiu para o mato a ganhar a vida mais honradamente.

(SAMPAIO, 2002, p. 132-133).

Moradores do semi-árido brasileiro, duramente atingidos pelas marcas associadas ao seu território: a pobreza, a população predominantemente rural, o flagelo da seca, o analfabetismo, a mortalidade infantil, o baixo desenvolvimento, os indicadores sociais que proferiam sentenças de morte. Presos no território nordestino, produção imagético-discursiva, como define ALBUQUERQUE JÚNIOR (2011):

O nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço.

(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, pág. 62)

Exemplo disso é a veiculação atual da novela *Velho Chico*, pela Rede Globo de Televisão. A novela, exibida em décadas diferentes, retrata uma história que ocorre

numa cidade fictícia, a beira do rio São Francisco. Nas cenas mostradas, a impressão que se instaura é de uma cidade marcada pela pobreza e pelas mazelas sociais, sem acesso ao desenvolvimento, uma paisagem de atraso. Não que este não seja um cenário observado nas cidades ribeirinhas. Mas a massificação dessas imagens provoca a sensação de que elas são as únicas que retratam o cotidiano dessas localidades. Tomando por base Ibotirama, a cidade conta com pouco mais de 26.000 habitantes, mas possui ruas calçadas, rede de esgoto, a centralização de serviços públicos, com a disposição de alguns órgãos Estaduais e Federais e com a estruturação da rede de serviços municipais. Observamos em seus limites, várias pousadas e hotéis de pequeno porte, comércio estruturado, bancos, pequenas empresas, acesso facilitado pelas rodovias e um espaço urbanizado. Esse cenário contraria as imagens da novela e de muitas imagens veiculadas e é característico de outras cidades ribeirinhas. Em catálogos publicados pelo Ministério do Turismo e Ministério da Integração Nacional, visualizamos a mesma imagem costumeira, para caracterizar as cidades do Médio São Francisco: o rio calmo e tranquilo e um pescador de pé sobre o barco, jogando suas redes na água.

Outro exemplo é a figura da carranca. Ao pensarmos em cidades ribeirinhas imaginamos a existência da escultura, que era utilizada para espantar os maus espíritos e alguns animais, fixando-as nas proas dos barcos. Em contraponto, a carranca hoje é mais utilizada como peça de decoração nas residências e como lembrança de viagem. Nos barcos ancorados no cais de Ibotirama, apenas o vapor São Salvador, restaurado para servir de barco escola, apresenta a figura totêmica. O barco foi reconstruído para servir de escola ambiental e cultural, por isso, a carranca foi ali colocada, para lembrar a simbologia de elementos que se perderam. Para reverenciar o rio que não existe mais. Mas no imaginário coletivo a carranca continua existindo como um significado que remete ao rio. Numa campanha lançada pela preservação do Velho Chico, observa-se a figura de uma carranca e a frase – “eu viro carranca para defender o Velho Chico”. A carranca sendo utilizada para espantar não os espíritos de um mundo místico, mas os espíritos reais da destruição, da poluição, os espíritos que estão relacionados ao sistema que explora e destrói. Aqui me ocorre a Lenda do Nêgo D’água, que com o passar dos anos, sofreu alterações na forma como era contada, incorporando o discurso de

preservação do meio ambiente. Uma estratégia para falar sobre o desmatamento sofrido pelo rio.

Durante a pesquisa que venho realizando, observo que muitos ao serem indagados sobre as manifestações da cultura popular, respondem que ela está morrendo, algumas dizem que não existem mais manifestações. A minha relação direta com o município de Ibotirama, minha cidade natal, trouxe essa inquietação. Desde criança, os movimentos populares da região ribeirinha do Território do Velho Chico, sempre estiveram a minha volta. E eu a volta deles. Os grupos de reis no período de dezembro a janeiro, as rodas de São Gonçalo no pagamento das promessas, o canto das lavadeiras no meio da manhã, as benzedeadas me curando dos “quebrantos”, as assombrações nos becos e as marcas da oralidade nas lendas e nos ritos. Essas e outras manifestações da cultura popular estiveram presentes em meu cotidiano desde os primeiros dias e atravessaram a minha infância e a adolescência, como se fossem familiares muito próximos. Mas eu não estava diretamente envolvida em nenhum destes grupos, nem os meus ancestrais. O que me ocorre pensar, que num passado não muito distante, mais precisamente nas décadas de 70 e 80, quando vivenciei estes fatos, as famílias, independentes das classes sociais das quais eram parte, até mesmo as mais abastadas desta região, abriam as suas portas para as manifestações periféricas, reconhecendo nelas, a sua identidade. As cidades daquela época eram pouco urbanizadas, sem opções de lazer e ainda muito ligadas aos ritos religiosos, presentes em várias dessas manifestações. As classes com maior poder econômico, ofereciam algo em troca para que os grupos populares se apresentassem. Nem sempre era dinheiro vivo o que ofertavam, muitas vezes comida e bebida. Para os atores dessas manifestações, eram oportunidades de levarem adiante o legado da oralidade e de celebrar.

Após alguns anos longe da região, volto no ano de 2005. Entre as minhas buscas, a cultura popular sendo ativada em minhas memórias. Mas o discurso que se perpetuava nas ruas por onde os grupos transitavam com liberdade é de que a cultura popular ribeirinha do Velho Chico já não existia mais. Indagando aqui e ali sobre o que ainda sobrevivia, escuto que as expressões já não são mais as mesmas, que não tem originalidade, que perderam a sua pureza. E foi essa vontade de verdade que me moveu a iniciar essa pesquisa, provocada inicialmente, fora do ambiente acadêmico.

Trabalhando como Assessora de Projetos na Prefeitura Municipal de Ibotirama, na primeira oportunidade e por uma necessidade apontada, coordenei o Mapeamento cultural de Ibotirama. O Mapeamento me trouxe um novo olhar, sobre o discurso instituído. Saímos com um roteiro pronto, de pequenas indicações dos sujeitos que ainda existiam. Cada mapeado indicava outros novos atores, totalmente desconhecidos para nós. O mapeamento trouxe dezenas de conexões, apontando grupos e expressões que sobreviviam, sem se preocuparem em permanecer a margem da produção cultural reconhecida. Algumas ganharam força na zona rural e nos bairros mais distantes, locais onde receberam acolhimento. Essas vertentes que se desvelaram, me levaram ao trabalho paralelo de produção cultural, voltada para a periferia ribeirinha, inquirindo, pesquisando. Uma nuance observada foi o trânsito que ocorre dos sujeitos, entre as manifestações. Dessa forma, o reiseiro participa das rodas de São Gonçalo, das rezas, da Alimentação das Almas. Seria essa uma forma de resistir? Seria um movimento consciente da necessidade de fortalecimento das expressões ou apenas o sentimento de pertencimento?

A análise do contexto descrito trás uma outra indagação: Porque as carrancas mesmo sem estarem instaladas nos barcos ainda são relacionados a um símbolo do rio e as manifestações da cultura popular que ocorriam nas proximidades do cais do porto estão sendo invisibilizados? Seria a elevação da carranca a categoria de objeto de consumo, decorativo, “exótico” e os grupos populares relacionados a uma cultura menor? Parte dos ribeirinhos dessa região deixou de associar a sua identidade as manifestações populares porque já não se reconhecem nessas feições, porque a cultura popular está deixando de existir ou porque estão sucumbindo aos padrões hegemônicos? É uma escolha pensada ou um discurso de poder que está se sobrepondo? Nesse ponto, lanço mão de CARLOS (2007), que diz que:

toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo, portanto uma memória dividida – real ou fictícia – propicia a coesão de um grupo e, em consequência, cria a integração. Um grupo que só se pode visualizar num espaço onde elementos da sua história estão presentes. Cada grupo definido localmente tem a própria memória e uma representação do tempo que é só dele. Ocorre que cidades provinciais se fundem em uma nova unidade enquanto o tempo comum se amplia. Esse fato nos colocaria diante de uma nova

dimensão da relação entre a constituição da identidade e das relações do indivíduo com o espaço e o tempo.

(CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. 2007.)

Considerações Finais

Dezenas de cidades se formaram nas margens do rio São Francisco, como possibilidades que surgiram das aglutinações, dos que aguardavam o embarque das suas tropas e mercadorias. O rio, princípio de tudo, por muito tempo representou a locomoção, a chegada do alimento, o tráfego das mercadorias, a oportunidade de trabalho, a veia das cidades ribeirinhas. Ibotirama surgiu assim, impregnada dos significados que transitavam as águas do Velho Chico. As rodovias e a nova condição do rio, com o enfraquecimento da navegação fluvial, despertaram outros sentidos que foram sendo incorporados a lógica urbanizada das cidades.

Mas ainda que tenha havido o afastamento do rio do cotidiano da população, alguns símbolos permanecem intactos, figurando no imaginário coletivo, como se o rio de hoje fosse o mesmo de outrora. Enquanto outros símbolos que resistem, tem sido invisibilizados, como se não existissem mais. A memória coletiva tem selecionado aquilo que elege como representativo da sua identidade e aquilo que deseja não mais fazer parte. Descobrir qual ou quais sentidos estão relacionados a cada um dos significados escolhidos é como desenrolar teias invisíveis. As teias do imaginário da população que nasceu do rio e que ainda que a cada dia esteja mais distante dele, no mundo concreto das cidades, continua sendo arrastada para ele, em símbolos que se recriam a partir dos significados que se reconstroem.



Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife. Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar do/no mundo*. São Paulo. FFCH. 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas* - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro. LTC, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Paz e Terra. 2015.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte. UFMG. 2008.

JAKOBSON, Roman. *Algumas questões de poética*. Org. e Trad. Sônia de Queiroz. Belo Horizonte. FALE/UFMG. 2009.

SANTANA, José C. Barreto de (org). Teodoro Sampaio – *O Rio São Francisco e Chapada Diamantina*. São Paulo. Companhia das Letras. 2002.